

INTERTEXTUALIDADE, CRÔNICA, MÍDIA IMPRESSA

Losana Hada de Oliveira Prado¹

Resumo

O presente estudo aborda o fenômeno da intertextualidade na constituição da crônica esportiva futebolística “Os aflitos”, de José Geraldo Couto, publicada em 28 de abril de 2007, no jornal *Folha de S. Paulo*. Como base teórica, procedemos ao tratamento da intertextualidade sob a perspectiva de pontos de vista de teóricos distintos, tanto da Análise do Discurso e da Linguística Textual quanto da Teoria Literária, na qual o conceito teve sua origem. Na perspectiva analítica, procuramos demonstrar que as crônicas futebolísticas estabelecem relações dialógicas com o leitor presumido por meio de um diálogo cumulativo entre os diversos “eus” e os diversos “outros” (Bakhtin, 2006), ou seja, os enunciados são povoados e constituídos por pedaços de enunciados de outros para produzir sentidos.

Palavras-chave: Intertextualidade. Dialogismo. Crônica esportiva. Mídia impressa. Jornal.

Abstract

This study addresses the phenomenon of intertextuality in the constitution of chronic sport football "When the poor", Jose Geraldo Couto, published on April 28, 2007 in the newspaper *Folha de S. Paulo*. As a theoretical basis, we proceed to the treatment of intertextuality from the perspective of views of different theoretical, both the Analysis of Speech and Language Textual as Literary Theory, where the concept originated. In analytical perspective, we try to demonstrate that football chronic establish dialogic relations with the presumed reader through a cumulative dialogue between the various "selves" and the various "others" (Bakhtin, 2006), ie the statements are populated and constituted a set of bits to produce other directions.

Keywords: Intertextuality. Dialogism. Sports chronic. Print. Newspaper.

Introdução

Um dos gêneros textuais que mais nos chama a atenção é a crônica porque, segundo Pereira (2004), no jornalismo, a crônica pode ser definida como um gênero de autonomia estética que abriga as várias manifestações da linguagem, cuja característica principal é reescrever os acontecimentos cotidianos de forma que os seus significados não sejam impostos ao leitor.

¹ Pós-doutoranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, Brasil; losanaprado@hotmail.com.

A crônica é um texto que pode ser produzido tanto por um jornalista quanto por outra pessoa, que é contratada pelo jornal para escrever em um espaço específico. A crônica analisada é assinada e publicada no caderno de esportes e expressa a visão do seu autor a respeito do tema futebol, modalidade esportiva e fenômeno cultural na sociedade brasileira.

Na perspectiva analítica e tendo em vista que a imprensa desempenha papel essencial de veículo das diferentes ideologias que formam uma sociedade, nosso estudo baseia-se na análise da crônica intitulada “Os aflitos”, veiculada no jornal *Folha de S. Paulo*. Embora os grandes jornais tenham se pautado pela defesa da objetividade jornalística, é possível notar que, na escolha do assunto à redação, o jornalista toma decisões subjetivas, uma vez que é suscetível às tendências sociais, políticas e culturais de sua época. Podemos afirmar, assim, que a linguagem é uma forma de ação e, essencialmente argumentativa, constituindo-se como um elemento básico de qualquer discurso.

No processo de leitura de uma crônica, por exemplo, a exigência não é apenas a decodificação do material linguístico compartilhado pelos interlocutores, mas a percepção da intertextualidade que depende, em grande medida, do conhecimento do leitor sobre a temática abordada e desta com o gênero textual que lhe serviu como veículo interativo, comunicativo e expressivo. A intertextualidade está ligada ao chamado “conhecimento de mundo”, comum ao produtor e ao receptor de textos, que pressupõe um universo cultural de identificação e reconhecimento de remissões a obras ou a textos que exigem, do interlocutor, a capacidade de interpretar a função de uma dada citação ou alusão em questão. A leitura de um jornal requer a atenção do leitor para que este não explore o texto somente em sua superfície, mas que desenvolva um olhar crítico-interpretativo para captar o sentido implícito do texto, bem como interpretações possíveis.

Para compreensão mais abrangente acerca do fenômeno da produção de textos, importa entendermos previamente o que caracteriza o texto, escrito ou oral, como unidade linguística comunicativa básica, uma vez que o que as pessoas têm para dizer umas às outras não são frases isoladas, são textos. Nesse sentido, de acordo com Beaugrande (1980, p. 10), podemos definir texto como “evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais”. Trata-se, necessariamente, de um evento dialógico (BAKHTIN, 2003), de interação entre sujeitos sociais –

contemporâneos ou não, co-presentes ou não, do mesmo grupo social ou não, mas em diálogo constante.

No presente estudo, partimos da concepção de texto como “lugar de interação de sujeitos sociais, os quais dialogicamente, nele se constituem e são constituídos” (KOCH & ELIAS, 2006, p. 7) e que operam escolhas significativas entre as múltiplas formas de organização textual e lexical por meio de ações linguísticas e sociocognitivas. Assim, em todo texto há implícitos que são identificados pela mobilização do contexto sociocognitivo.

O contexto sociocultural em que se insere o texto também constitui elemento condicionante de seu sentido na produção e na recepção, na medida em que delimita os conhecimentos partilhados pelos interlocutores.

Segundo Beaugrande e Dressler (1981), o princípio de intertextualidade é aquele que concerne aos fatores que fazem a utilização de um texto dependente do conhecimento de outros textos. Inúmeros textos só fazem sentido quando entendidos em relação a outros, que funcionam como seu contexto. Essa afirmação é válida tanto para a fala coloquial, em que retornam conversas anteriores, quanto para os pronunciamentos políticos ou o noticiário dos jornais, que requerem o conhecimento de outros textos já divulgados, os quais são tomados como ponto de partida ou são respondidos.

O estudo da intertextualidade, dada a sua importância para a construção de sentidos, justifica-se pela necessidade de se perceber a prática da leitura intertextual, o diálogo entre textos, a importância do contexto e a influência de leituras realizadas para a compreensão de leitura de textos em geral e, especificamente, para o caso de nossa pesquisa, leitura de crônica esportiva.

Nosso estudo tem como tema o futebol e sua delimitação se explica pelo fato de esse esporte representar um dos paradigmas brasileiros e constituir-se como elemento de identidade da cultura nacional.

Devido às relações intertextuais e à importância de se aprofundarem conhecimentos acerca do fenômeno da intertextualidade, questionamos: de que forma se manifesta esse fenômeno na crônica esportiva em análise e qual a importância da sua identificação para a produção de sentidos?

A crônica esportiva

Desde o início do século XX, literatos de renome na sociedade brasileira, como Lima Barreto, Coelho Netto, “João do Rio”, Olavo Bilac, Afrânio Peixoto, Graciliano Ramos, Monteiro Lobato e Gilberto Amado, principais referências até a década de 1920, esporadicamente se dedicavam à temática futebolística.

Entretanto, não existia uma periodicidade em relação ao assunto esporte, ainda mais no tangente ao futebol que, ainda disputava a preferência do público com outras modalidades como o turfe, o remo e o ciclismo. Não havia também cronistas especializados no assunto. Eles abordavam em seus textos temas gerais, associados ao cotidiano, ou seja, tratava-se ainda do colunismo social. Contudo, podemos afirmar que, entre os gêneros literários, a crônica é o que tem uma proximidade mais remota em relação ao futebol.

Foi com a atuação de Mário Filho e seu círculo de influências, centrado no *Jornal dos Sports*², que surgiu a crônica esportiva propriamente dita:

O percurso do futebol entre o amadorismo e o profissionalismo tem sua similaridade na trajetória da imprensa esportiva. Até o início da década de 40, o cronista esportivo ocupava a posição mais baixa na hierarquia dos jornais. Com a atuação de Mário Filho, houve a valorização do *métier* do analista e do repórter esportivo, a partir de seu trabalho com a promoção de competições, eventos, notícias e fatos – em suma, do próprio espetáculo. A invenção do profissional, donde temos uma múltipla simbiose: o jornal a criar a demanda para a produção do evento, e este a fornecer elementos para a atuação do homem na imprensa esportiva (MELO, 2003, p. 17).

Diante disso, a crônica esportiva passa a ser, provavelmente, o subgênero mais popular e o que mantém a mais estreita relação com o seu público, logo, é estabelecida uma relação em que o autor é influenciado pelo seu público leitor, mas também é um forte formador de opinião. Essa relação pode ser considerada um indício do compromisso do cronista com um contexto histórico próximo do real.

As crônicas sobre o futebol ou as crônicas esportivas exercem o mesmo sentido simbólico da crônica social, ou seja, proximidade com o objeto e com o cotidiano.

Proença (1981, p. 28) afirma:

A crônica esportiva, em resumo, oferece campo de trabalho que nos permite uma visão global, ampla, do mundo popular/democrático, de nossas gentes e de nossos hábitos, favorecendo a quem as escreve, de uma forma ou de outra, aproximar-se do conceito de *atuante*, do fazer artístico [...]; chances, assim, à

² Periódico especializado em esportes, mas com ênfase no futebol.

aproximação do realismo crítico – dimensão e força social, participante, humanista (no sentido de “com os pés no chão”), que se pretendem íntimos de quem exerce o ofício de escritor.

No decorrer do século XX, o cronista se especializou e, nesse período, surgem as crônicas esportiva, literária, cinematográfica, política, social, entre outras mais específicas. Com isso, percebe-se uma sensível oscilação de conteúdo e estilística entre as diversas classificações. Não se trata de um rompimento dentro da crônica brasileira, mas de sutis diferenças.

A crônica esportiva que só se consolidou a partir da década de 1940, sofreu um tipo de cisão entre os chamados *racionalistas*, que preferiam escrever sobre a parte técnico/tática da modalidade, e os *apaixonados*, mais preocupados com os aspectos subjetivos ligados à dinâmica do esporte, em detrimento à estatística e dados mais precisos. No entanto, muitos cronistas não se enquadravam nesse modelo e a abordagem de seus textos encontrava outras formas, justamente para fugir do convencional, buscando a adesão do público leitor que ganhava um repertório cada vez maior de crônicas e escritores nos periódicos brasileiros e, conseqüentemente, esses leitores tornavam-se mais críticos e seletivos.

Dentre esses escritores, o irmão mais novo de Mário Filho, o dramaturgo Nelson Rodrigues, mantinha uma autonomia literária. No entanto, foi um dos primeiros intelectuais a sentir e trabalhar em suas crônicas a dicotomia entre racionalidade/paixão manifesta na prática do futebol.

Por meio de suas crônicas, mescla de ficção e realidade cotidiana, Nelson Rodrigues tornou-se uma referência para o entendimento de mudanças ocorridas na sociedade brasileira, como a busca intensa da formação de uma identidade nacional, em que o brasileiro deixa de ser visto como um fracassado, passando a ter a imagem positiva e celebrada. Nelson costumava também, com suas crônicas, dialogar com seus pares. Ora elogiando veladamente um posicionamento, a seu ver, acertado, ora criticando de forma ácida algum desafeto. Foram vários seus interlocutores: seu irmão Mário Filho, José Lins do Rego, Sérgio Porto e, principalmente, um novo jornalista que estava em ascensão, Armando Nogueira.

Com a profissionalização da crônica esportiva, nos anos 80/90, Nogueira tornou-se uma referência, pois foi um dos primeiros escritores a ser reconhecido no meio literário mesmo redigindo textos exclusivamente sobre esportes.

Outros escritores consagrados, como Oswald de Andrade, Mário Prata, Ruy Castro, Mário de Andrade, Stanislaw Ponte Preta, Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Luiz Fernando Verissimo, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, escreveram sobre o assunto e Nogueira não foi o único cronista especializado de destaque. Outros ganharam notoriedade, como João Saldanha, Sérgio Porto, João Máximo, Juca Kfoury, Tostão, José Roberto Torero, Xico Sá e José Geraldo Couto, autor da crônica em análise nesse estudo.

Intertextualidade

O termo intertextualidade foi introduzido por Kristeva em 1966 por influência da noção de dialogicidade que Bakhtin havia desenvolvido. Para ele, cada enunciado é um elo na cadeia da comunicação. Todos os enunciados são povoados e, na verdade, constituídos por pedaços de enunciados de outros, mais ou menos explícitos ou completos:

[...] nossa fala é preenchida com palavras de outros, variáveis graus de alteridade e variáveis graus do que é de nós próprios, variáveis graus de consciência e de afastamento. Essas palavras de outros carregam com elas suas próprias expressões, seu próprio tom avaliativo, o qual nós assimilamos, reatualizamos e reacentuamos (BAKHTIN, 2003, p. 89).

De modo geral, Bakhtin (2003) associa os fenômenos ideológicos às condições e às formas de interação social. Os signos ideológicos resultam da materialização dessa interação. Portanto, é impossível pensar o homem fora dessa relação com o “outro”. O sujeito só se constitui nesse processo de interação e ignorar a natureza dialógica da linguagem seria o mesmo que desconsiderar a ligação existente entre linguagem e fala.

Essa questão do dialogismo, que se constitui na medida em que um enunciado é concebido como reflexo de outro enunciado por refuta, confirmação ou complementaridade, pressupondo assim seu conhecimento prévio, é uma constante em Bakhtin. Para esse autor, qualquer enunciado, inclusive o monólogo solitário, tem seus “outros” e só existe em relação ao contexto de outros enunciados:

Pois todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim dizer, já desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. (...) O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela

consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante do diálogo social (BAKHTIN, 2003, p. 86).

Para Kristeva (1978), o processo de leitura realiza-se como ato de colher, de tomar, de reconhecer traços. Ler passa a ser uma participação agressiva, ativa, de apropriação. A escritura, então, torna-se a produção dessa leitura que se cumprirá. Um livro remete a outros livros, que, num procedimento de somatória, propicia uma nova forma de ser, ao elaborar sua própria significação.

Kristeva estende o conceito de dialogismo tanto aos sistemas não-verbais quanto à própria noção de texto. A autora considera texto quase todos os sistemas e estruturas culturais. Isso é importante para estender as fronteiras da intertextualidade para muito além do campo linguístico. Atualmente, se estuda a intertextualidade nos mais variados campos, como artes plásticas, cinema, dança e multimídia.

A linguagem poética aparece como um diálogo de textos: toda sequência se faz em relação a uma outra proveniente de um outro corpus, de maneira que toda sequência está duplamente orientada: para o ato de reminiscência (evocação de uma outra escrita) e para o ato de intimação (a transformação dessa escritura) (KRISTEVA, 1978, p. 120 - 121)³.

Um texto é voz que dialoga com outros textos, mas também funciona como eco das vozes de seu tempo, da história de um grupo social, de seus valores, crenças, preconceitos, medos e esperanças. Nesse contexto, a leitura e a produção textual devem ser abordadas sob a perspectiva da língua como instrumento de interação social, comprometida com a formação de sujeitos críticos e atuantes.

Na perspectiva bakhtiniana e também na de Kristeva, o texto é fator de mudança, porque se insere de um modo ativo e dialético na sociedade, reproduzindo e, ao mesmo tempo, transformando seus dados ideológicos num contínuo “diálogo textual”. Portanto, tanto em Kristeva quanto em Bakhtin, podemos afirmar que a intertextualidade é entendida como um fator de construção social. Assim, a intertextualidade pressupõe um universo histórico-social e cultural muito amplo e complexo, pois implica a

³ “*Le langage poétique apparaît comme un dialogue de textes: toute séquence se fait par rapport à une autre provenant d’un autre corpus, de sorte que toute séquence est doublement orientée: vers l’acte de la reminiscence (évocation d’une autre écriture) et vers l’acte de la sommation (la transformation de cette écriture).*” KRISTEVA, J. *Semeiotike: recherches pour une sémanalyse*. Paris: Coleção Points-Essai, Éditions du Seuil, 1978, p.120/121.

identificação das referências; o conhecimento de mundo, que deve ser comum ao produtor e ao receptor de textos; o reconhecimento de remissões a obras, além de exigir do leitor a capacidade de compreender a função da presença daquela citação ou alusão a outros textos.

Fairclough (2001) defende a visão de que a intertextualidade está ligada a uma historicidade inerente aos textos, ou seja, o texto absorve e ao mesmo tempo é construído por textos passados. Nessa perspectiva, os textos são os maiores artefatos que constituem a história. “Essa historicidade inerente aos textos permite-lhes desempenhar os papéis centrais que têm na sociedade contemporânea no limite principal da mudança social e cultural”. (Ibid., p. 135)

Nesse sentido, é possível afirmar que a intertextualidade aproxima os homens, as culturas e os tempos: tudo o que produzimos está inserido num grande patrimônio em contínua evolução. Seguindo esse raciocínio, cada homem contém em si a comunidade humana.

Para Barthes (1977, p. 56), não há textos puros na medida em que “qualquer texto é um novo tecido de citações passadas” e todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em diversos níveis, sob formas mais ou menos conhecíveis. O autor se refere à leitura como sendo um ato lexicográfico, o que significa dizer que, quando lemos estamos escrevendo nossa leitura, portanto, encontrando sentidos que nos levam a outros sentidos.

Nessa perspectiva, Vigner mostra o papel da intertextualidade na construção do(s) sentido(s) do texto.

[...] pensemos que durante séculos a literatura francesa, para ficar nela, foi um sistema de troca intertextual, particularmente ativa com a literatura grega e latina e que, para o leitor de outrora que tivesse estudado Humanidades, ler tal poema de Ronsard era ler simultaneamente certa passagem de Virgílio, de Horácio ou de Píndaro. A intertextualidade definia, assim, uma espécie de horizonte de expectativa, sobre o qual o novo texto vinha inscrever-se e adquirir sentido (2002, p. 32-3).

Para o autor, mesmo reconhecendo que a intertextualidade é especialmente manifestada na literatura, é fundamental contemplar o fenômeno para além das fronteiras do discurso literário. Afinal, ela está presente em outros discursos, como o político e o científico, e pode ocorrer com a mesma intensidade. O autor afirma ainda

que, devido às relações intertextuais, todo texto propaga fragmentos de sentidos que de alguma forma são do conhecimento do leitor.

A intertextualidade ocorre em diversas áreas do conhecimento. Na literatura, estabelecendo uma relação intertextual com diversas obras literárias. Na pintura, recriando quadros de pintores famosos do século passado. No jornalismo, a publicidade de anúncios retoma obras-primas criando enunciado-slogan para campanhas publicitárias. A intertextualidade assume na publicidade a função não só de persuadir o leitor como também de difundir a cultura, uma vez que trata de uma relação com a arte (pintura, escultura, literatura *etc*).

Para Kristeva (1978, p. 72), “todo o texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto. No lugar da noção de intersubjetividade instala-se a de intertextualidade”. É exatamente essa busca de elementos novos, apoiados na assimilação e transformação, que torna relevantes os pressupostos da autora, já que possibilita leituras capazes de recuperar outros textos que, uma vez deslocados de sua origem, ganham nova significação.

A autora, assim como outros estudiosos, aproximou bastante a noção de intertextualidade da literatura. Para a pesquisadora, o texto literário permite uma grande abertura de significação porque é constituído na sua essência por um cruzamento de superfícies textuais.

Os pesquisadores da Análise do Discurso abordaram a intertextualidade como condição de existência do próprio discurso, portanto, a intertextualidade em um sentido amplo. Maingueneau (1997) afirma que um discurso não vem ao mundo numa “inocente solitude”, mas sendo construído por meio de um “já-dito” em relação ao qual toma uma posição. Segundo o autor, o intertexto é um componente importante para as condições de produção, justamente porque – sendo a leitura um processo cognitivo, resultado de informações fornecidas pelo texto – decorre de fundamentos inter e multidisciplinares.

Beaugrande e Dressler (1981) afirmam a necessidade de se evidenciar que os textos estão em constante convergência, interação e diálogo. É justamente pela relação que se estabelece entre o texto e textos anteriores que os interlocutores acionam fragmentos de sentidos já conhecidos por eles e que estão relacionados com a informação nova. Conforme os autores, a interdependência entre a produção e recepção de um determinado texto e o conhecimento que os participantes do processo de comunicação têm de outros textos ocorre por meio de um processo de mediação que

está intimamente ligado à atividade de elaboração do texto e sua relação com textos precedentes.

Segundo Jenny (1979), só se apreende o sentido e a estrutura de uma obra literária se a relacionarmos com seus arquétipos que são abstraídos de textos anteriores que constituem a constante:

Esses arquétipos, provenientes de outros tantos “gestos literários”, codificam as formas de uso dessa “linguagem secundária” (Lotman) que é a literatura. Face aos arquétipos, a obra literária entra sempre numa relação de realização, de transformação ou transgressão. E é, em grande parte, essa relação que a define (1979, p. 32).

A autora afirma que fora de um sistema a obra é impensável, ou seja, a compreensão de uma obra pressupõe a competência na decifração da linguagem literária, que é adquirida na prática de uma multiplicidade de textos. Segundo a autora, a intertextualidade se faz presente até mesmo no conteúdo formal de uma obra: uma paródia se relaciona simultaneamente com a obra que pretende caricaturar, ao mesmo tempo em que se relaciona com todas as obras parodísticas que fazem parte do seu próprio gênero textual.

Jenny (1979) distingue dois tipos de intertextualidade: a implícita e a explícita. Para conceituar a intertextualidade implícita, ela parte do pressuposto de que todo texto remete implicitamente a textos que o antecedem, apresentando-se de forma atualizada. Por sua vez, a intertextualidade explícita é a que se faz presente no conteúdo formal da obra. Nesse caso, o texto deixa transparecer a sua relação com o outro(s): “A determinação intertextual da obra é então dupla: por exemplo, uma paródia relaciona-se em simultâneo com a obra que caricatura e com todas as obras parodísticas constitutivas do seu próprio gênero” (JENNY, 1979, p. 6). Esse tipo de intertextualidade se dá por meio de citações, resenhas, paráfrases e itens lexicais que permeiam o texto, possibilitando despertar na memória do leitor informações ou textos reminiscentes.

Nossa compreensão de um texto depende de nossas experiências de vida, de nossas vivências, de nosso conhecimento de mundo, de nossas leituras. Quanto mais amplo o cabedal de conhecimentos do leitor, maior será sua competência para perceber que o texto dialoga com outros, por meio de referências, alusões ou citações, e, assim, mais ampla será sua compreensão. A competência em leitura e em produção textual não depende apenas do conhecimento do código linguístico, uma vez que para ler e escrever

com proficiência é imprescindível conhecer outros textos, estar imerso nas relações intertextuais, pois um texto é produto de outro texto, nasce de/em outros textos.

A pessoa que lê deve identificar, reconhecer e entender a remissão a outras obras, textos ou trechos. As obras científicas, os ensaios, as monografias, as dissertações, as teses, por exemplo, remetem explicitamente a autores reconhecidos, que reforçam os pontos de vista defendidos. Já a compreensão de uma charge de jornal implica o conhecimento das notícias do dia. A leitura de um romance, conto ou crônica esportiva, como é o caso do *corpus* desta pesquisa, aponta para outras obras, muitas vezes, de forma implícita.

Assim como a leitura é um ato complexo e relacionado a outros textos, podemos afirmar que escrever é a habilidade de aproveitar criticamente e de forma criativa, outros materiais interdiscursivos⁴, outros textos. Quem escreve não escreve do vazio, pois um texto não surge do nada. Nasce de/em outro(s) texto(s). É por isso que quem lê está em situação privilegiada para escrever, uma vez que se apropria, mediante a leitura, de ideias e de recursos de expressão.

Em sentido amplo, a intertextualidade se faz presente em todo e qualquer texto, como componente decisivo de suas condições de produção, isto é, ela é condição mesma da existência de textos, já que há sempre um já-dito, prévio a todo dizer.

Intertextualidade em “Os aflitos”

Quando lemos, estabelecemos relações entre o que está escrito no texto, o que não está e relacionamos com o que temos em nossa memória discursiva. Como mencionado, a intertextualidade é a presença de um texto inserido em outro texto produzido anteriormente. Para a identificação da intertextualidade, é necessário que o texto-fonte faça parte da memória discursiva do leitor e ele seja ativado no momento da leitura. A produção de sentidos desejada na leitura em muitos casos depende da identificação da intertextualidade. Ela pode ser identificada por um intertexto de maneira implícita ou explícita. O texto-fonte pode ser ativado por um trecho, estilo, gênero ou tipo.

Pretende-se, na análise a seguir, enfatizar a busca de sentidos no texto por meio de processos cognitivos influenciados pelo contexto sociocognitivo. Nosso objetivo é

⁴ Todo discurso é atravessado pela **interdiscursividade**, tem a propriedade de estar em relação multiforme com outros discursos, de entrar no **interdiscurso**. Esse último está para o *discurso* como o *intertexto* está para o *texto* (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2008, p. 286).

mostrar a intertextualidade na crônica “Os aflitos”, de José Geraldo Couto, publicada no jornal *Folha de S. Paulo* em 28 de abril de 2007:

Os aflitos

Salve o Corinthians.

A frase que abre o hino corintiano ganha de tempos em tempos (como agora) um sentido dramático. Em momentos assim, a torcida alvinegra fica à espera de alguém que salve seu time.

Pode ser qualquer um – um treinador tarimbado como Carpegiani ou um talento adolescente como Lulinha; um escroque com a mala cheia de dólares suspeitos ou o pai-de-santo da esquina –, pouco importa, contanto que salve.

O salvacionismo é a verdadeira religião corintiana. E o Pacaembu é o verdadeiro estádio dos aflitos. Na noite de anteontem, na derrota para o Náutico, o lugar foi palco de cenas de um grotesco desespero.

Numa delas, talvez a mais eloqüente, um torcedor embriagado invadiu o campo, enganou um par de seguranças com fintas de corpo, sob a ovação da torcida (que até então não tivera oportunidade de aplaudir uma jogada sequer), e acabou tendo a calça arrancada quase inteiramente quando tentava saltar o alambrado de volta para a arquibancada.

O detalhe é que, na sua evolução errática pelo gramado, o invasor jogou fora ou deixou cair negligentemente a camisa do clube, que trazia na mão. Foi como se dissesse que o Corinthians não interessava mais, e sim a exibição narcisista da sua própria falta de rumo, do seu desvario.

Para seguir vivo na Copa do Brasil, o Corinthians podia empatar o jogo em 0 a 0 ou 1 a 1. O placar de 2 a 2 levaria para os pênaltis. Bastava, portanto, segurar a bola, deixar o adversário se inquietar, jogar no seu erro. Mas o Corinthians, esse Corinthians espasmódico e acéfalo que emerge nos momentos de crise, não é capaz de premeditação e sangue frio. Essas qualidades couberam ao Náutico, que poderia ter saído de São Paulo com uma goleada.

É, amigos, ser corintiano é um aprendizado do sofrimento.

Manuel Bandeira, ao contrário de seu conterrâneo João Cabral de Melo Neto, não se interessava por futebol. Mas em 1906, quatro anos antes da fundação do Corinthians, compôs um poema que poderia ser o verdadeiro hino do clube, ou pelo menos a canção que todo corintiano deveria cantar para ninar seu filho.

É o soneto “Renúncia”, tão belo que merece ser transcrito na íntegra, em homenagem aos 30 mil fiéis que foram ao Pacaembu anteontem:

“Chora de manso e no íntimo... Procura/Curtir sem queixa o mal que te crucia:/O mundo é sem piedade e até riria/ Da tua inconsolável amargura.

“Só a dor enobrece e é grande e é pura./ Aprende a amá-la que a amarás um dia./ Então ela será tua alegria,/ E será, ela só, tua ventura...

“A vida é vã como a sombra que passa.../ Sofre sereno e de alma sobranceira,/ Sem um grito, sequer, tua desgraça.

“Encerra em ti tua tristeza inteira./ E pede humildemente a Deus que a faça/ Tua doce e constante companheira...”

A expressão “Salve o Corinthians” aciona dois planos de leitura. O primeiro é o termo mencionado no início do hino do time corintiano, “Salve o Corinthians,/O campeão dos campeões,/Eternamente/Dentro dos nossos corações”, que tem o significado de saudar e que nos faz lembrar a figura de César, o estadista poderoso que recebia a saudação “Salve César”, quando aparecia em público. O elemento irônico está presente nessa ideia, pois os corintianos cantam o hino do time cuja letra é composta por vocábulos como “grande” e “altaneiro” que qualificam elemento grandioso, somado à saudação feita na maioria das vezes que o time aparece para uma partida. A segunda interpretação, que é a sugerida pelo autor, tem o significado de salvar, ou seja, socorrer alguém que esteja em perigo ou necessitando de ajuda imediata. Esse trecho mostra que dependendo do conhecimento prévio do leitor, este construirá ou não novos sentidos para o texto.

A intertextualidade implícita será de maior ou menor grau de compreensão dependendo do conjunto de informações que está armazenado na memória de longo termo. Esse conhecimento consiste em uma espécie de dicionário enciclopédico do mundo e da cultura arquivado na memória, contendo experiências de vida, acontecimentos, eventos situacionais cotidianamente (ou não) vividos e adquiridos durante a vida, armazenados em blocos chamados *frames*⁵.

No trecho “um escroque com a mala cheia de dólares suspeitos”, o autor conta com o conhecimento enciclopédico do leitor e faz alusão ao caso do assessor de um deputado que foi preso com dólares em uma mala e na cueca, fato amplamente divulgado nos meios de comunicação. Assim, em relação à intertextualidade, podemos afirmar que conhecer o texto-fonte ou o modo de constituição é condição importante para a construção de determinado sentido pretendido e, além do conhecimento do texto-fonte, a retomada de textos em outros textos sugere a construção de novos sentidos, pois são colocados em uma outra situação de comunicação e objetivos.

Quando o autor cita “pai-de-santo da esquina”, faz referência à crendice de que o Corinthians tivesse vínculo com umbandistas, remetendo ao conhecimento prévio desse episódio sabido pela maioria da torcida.

⁵ *Frames* são conjuntos de conhecimentos armazenados na memória sob um certo “rótulo”, sem que haja qualquer ordenação entre eles (KOCH & TRAVAGLIA, 2008).

Segundo Bellos (2002, p. 48):

Pai Nílson foi convidado para trabalhar no Corinthians em 1982 por Vicente Matheus, presidente do clube na época. Na verdade, pela mulher dele. Marlene Matheus esteve no terreiro de Pai Nílson nos arredores de São Paulo buscando orientação espiritual. Depois ele trabalhou na sede do Corinthians, o Parque São Jorge, ganhando cerca de quatro salários mínimos. “Todo esse negócio é muito disfarçado”, diz José Eduardo Savóia, um jornalista que cobre o Corinthians. “Ninguém do clube jamais admitiria ter um pai-de-santo porque estaria desvalorizando o trabalho do técnico e dos jogadores.”⁶

O autor retoma o vocábulo “salve” com o sentido novamente de “salvar”, depois de relacionar as formas que poderiam proceder a esse salvamento.

No trecho “O salvacionismo é a verdadeira religião corintiana. E o Pacaembu é o verdadeiro estádio dos aflitos”, o autor, por meio do uso da metáfora, expressa a posição em que se encontra o time corintiano, comparando o salvacionismo à religião e o estádio do Pacaembu ao lugar onde devem estar os aflitos.

Nesse trecho, o vocábulo “aflitos” que aparece no título do texto ganha novo valor semântico porque passa a qualificar a palavra “estádio”, ou seja, ocorre a recontextualização do léxico. Já o termo “cena” designa uma unidade de ações num teatro e o sentido produzido por seu emprego é do espetáculo que se vê em uma peça teatral e, pressupõe também, o cidadão que assistirá à apresentação.

A intertextualidade temática é a que faz referência a outro texto da mesma área e o autor menciona o episódio ocorrido com um torcedor que, bêbado, invadiu o campo, enganou policiais e teve a calça arrancada quando voltava para a arquibancada. A notícia foi divulgada pelo mesmo jornal no mesmo caderno no dia anterior à publicação da crônica, ou seja, mesmo que o leitor não tivesse lido a matéria, estaria inserido no assunto que foi resumido pelo cronista em seu texto.

Quando o autor explica entre parênteses (*que até então não tivera oportunidade de aplaudir uma jogada sequer*), referindo-se à torcida que aguardava aplaudir a partida do seu time como fizera em outros momentos, entendemos que há intertextualidade implícita que recorre a outros textos de fonte não mencionada, porém armazenados na memória do leitor para a produção e interpretação do presente texto. A forma como o fenômeno é percebido mostra o diálogo de um texto com outro já existente. O autor recorre ao texto-fonte com a intenção de despertar no leitor o reconhecimento do texto e

⁶BELLOS, A. *Futebol: o Brasil em campo*, p. 174-175.

a realização sobre ele de alteração com o objetivo de um efeito novo de sentido e de humor.

Podemos resgatar Maingueneau (1997), que inclui nos fenômenos de heterogeneidade mostrada de imitação, dois valores opostos: a captação e a subversão. No primeiro, a imitação reflete a estrutura explorada, que é o caso do trecho em análise; no segundo, desqualifica-a no próprio processo de imitação. Koch (2001) aproxima-se dessa ideia quando propõe, então, a intertextualidade das semelhanças (o texto incorpora o intertexto para seguir-lhe a orientação argumentativa e, frequentemente, para apoiar nele a argumentação) e das diferenças (o texto incorpora o intertexto para ridicularizá-lo, mostrar sua improcedência ou, pelo menos, colocá-lo em questão como a paródia, a ironia ou a estratégia argumentativa).

O vocabulário coloquial da crônica é uma ferramenta utilizada pelo cronista para enfatizá-la como texto informal, que se vale de um vocabulário próximo do público. No entanto, o que observamos com o emprego dos termos “espasmódico” e “acéfalo” é justamente a presença mais rebuscada do léxico para a composição do parágrafo. Logo, o que notamos é a riqueza de ambas as formas de linguagem, coloquial e formal na abordagem desse gênero tão híbrido.

A linguagem coloquial, o texto informal e o uso do vocativo “É, amigos”, referindo-se ao leitor, aproximam o locutor e o interlocutor, proporcionando a familiaridade de um bate-papo, comum na crônica esportiva.

A ironia presente na metáfora “ser corintiano é um aprendizado do sofrimento” aciona o *frame* de que o corintiano só sofre, é o estereótipo⁷ do sofredor, aliado ao mau desempenho do time no campeonato da Copa do Brasil.

A intertextualidade construída pelo colunista é irônica e intensifica o sentido jocoso da situação em que se encontra o time corintiano no campeonato da Copa do Brasil. O autor menciona um poema de Manuel Bandeira que, “ao contrário de seu conterrâneo João Cabral de Melo Neto, não se interessava por futebol”, mas compôs um poema que poderia ser um hino para ninar os filhos dos corintianos.

⁷ Para a Análise do Discurso, a questão do estereótipo aparece, inicialmente, associada ao pré-construído, conceito elaborado por Henry (1975) e fixado por Pêcheux (1975) à AD. A noção de pré-construído envolve a diferenciação entre o que está inscrito no enunciado e sua representação marcada pelas ideias, valores e crenças inerentes ao discurso. Charaudeau & Maingueneau (2006, p. 401) esclarecem que o pré-construído “pode ser entendido como a marca, no enunciado, de um discurso anterior; portanto ele se opõe àquilo que é construído no momento da enunciação”.

A relação estabelecida entre o poema e a fase ruim do time é uma coincidência de semelhança temática que se configura na intertextualidade temática, ou seja, o poema ganha novas interpretações no contexto em que foi empregado.

Notamos que o autor cita dois importantes nomes da literatura brasileira esperando que o leitor tenha conhecimento senão de suas obras, pelos menos de seus nomes consagrados e de suas áreas de atuação. A única informação dada é a de que um deles, Manuel Bandeira, compôs um poema, logo, trata-se de um poeta. Espera-se que o conhecimento prévio do leitor seja ativado para que a produção de sentido pretendida pelo autor alcance seu objetivo.

A intertextualidade explícita é identificada quando o autor cita e transcreve na íntegra o poema intitulado “Renúncia”⁸ que, inserido na crônica, propicia a destituição da poeticidade constitutiva do enunciado, enquanto parte de um livro de poemas, e produz o efeito de humor no gênero em que aparece.

O soneto, no contexto em que foi empregado, é repleto de ironia e os vocábulos “dor”, “desgraça” e “tristeza” são termos que caracterizam o torcedor corintiano e os estados de conformismo, aceitação e renúncia que restam nesse momento. Segundo Maingueneau (2008), a ironia inclui-se nos fenômenos de intertextualidade manifesta como imitação que pode assumir valor de subversão. Nela, o texto incorpora o intertexto para ridicularizá-lo, mostrar sua improcedência ou, pelo menos, colocá-lo em questão, desqualificando-o no próprio processo de imitação.

Segundo Marcuschi (2008), é comum burlarmos o cânon de um gênero fazendo uma mescla de formas e funções. No entanto, isso não causa dificuldade para a interpretabilidade, já que impera o predomínio da função sobre a forma na determinação interpretativa do gênero, o que evidencia a plasticidade e dinamicidade dos gêneros. Mas, o autor aponta a dificuldade, em alguns casos, de identificar os gêneros e, para tanto, cita como exemplo, o texto que apareceu em quase todos os periódicos semanais e jornais diários, por ocasião da despedida do autor do personagem Snoopy. O exemplo mostrava o gênero *tirinha de jornal* ou *história em quadrinho* e uma carta pessoal de despedida, ou seja, dois gêneros inseridos em um mesmo espaço, assim como ocorre no último parágrafo da crônica em estudo.

⁸ Poema que faz parte da obra *A cinza das horas*, de Manuel Bandeira (1917, p. 34).

Temos o poema de Manuel Bandeira citado na íntegra na crônica esportiva, o que comprova que os gêneros se imbricam e interpenetram para constituírem novos gêneros (BAKHTIN, 2003).

Conclusão

Percebemos, em nossa análise da crônica esportiva “Os aflitos”, o papel da intertextualidade como um dos elementos essenciais para a produção de sentido e verificamos como os processos dialógicos atuaram na produção e na leitura dessa crônica esportiva.

Gênero de fronteira que transita entre o jornalismo e a literatura, a crônica incorpora o coloquial da linguagem falada, alterna temas leves e mundanos à denúncia social e cria um elo com o leitor. Isso significa que todo o processo comunicativo passa necessariamente por uma relação interdependente e interindividual: meu discurso está necessariamente ligado a outros discursos. Por isso, Bakhtin (2006) concebe a linguagem como um sistema coletivo determinado por um diálogo cumulativo entre os diversos “eus” e os diversos “outros”.

Nossa pesquisa partiu de uma análise da crônica de José Geraldo Couto, verificando as marcas da intertextualidade, sua importância no momento da leitura e a produção de sentido que está diretamente ligada ao conhecimento prévio dos leitores no que diz respeito ao tema do futebol. Quanto mais informações sobre o tema, maior será a probabilidade de os leitores produzirem inferências e estabelecerem relações intertextuais, em alguns casos, essenciais para a produção de significados nos textos das crônicas.

A intertextualidade na crônica “Os aflitos” de José Geraldo Couto, passa pela mescla de gêneros, uma vez que temos poema e crônica em um mesmo espaço físico. Porém, a dificuldade não se encontra na nomeação dos gêneros, no geral, bem fixados, mas na sua identificação e, para designar esse aspecto da hibridização, segundo Marcuschi (2008, p. 164), “em muitos casos, apenas o local em que o texto aparece permite que determinemos com alguma precisão de que gênero se trata”.

Quanto à importância da leitura nesse processo, Vigner (2002) afirma que ele passa pela manipulação de textos originais, cabendo ao leitor interpretá-los a partir dos demais textos a que ele se refere. Isso significa que a leitura está estreitamente ligada ao

reconhecimento de traços e marcas presentes no texto e que, muitas vezes, são colhidos por meio de processos intertextuais.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARTHES, R. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

BEAUGRANDE, R. *Text, discourse and process*. London/New York: Longman, 1980.

_____; DRESSLER, W. U. *Einführung in die Textlinguistik*. Tübingen: Niemeyer, 1981.

BELLOS, A. *Futebol – o Brasil em Campo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

JENNY, L. *Intertextualidade*. Coimbra: Almedina, 1979.

KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Contexto, 2007.

KRISTEVA, J. *Semiótica do Romance*. 1. ed. Lisboa: Arcádia, 1978.

MAINGUENEAU, D. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. 3. ed. São Paulo: Pontes: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez. Trad. C. P. Souza-e-Silva e D. Rocha, 2008.

MARCUSCHI, L. A.. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MELO, J. M. *Jornalismo opinativo*. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

PEREIRA, W. *Crônica: a arte do útil e do fútil*. Salvador: Calandra, 2004.

PROENÇA, I. C. *Futebol e Palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

RODRIGUES, N. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

VIGNER, G. Intertextualidade, norma e legibilidade. In: GALVES, C. et alii (org.) *O texto: leitura e escrita*. 3ª ed. revisada. Campinas: Pontes, 2002.